
O outro lado da “Princesa do Sul”: a administração pública na mira da imprensa ilustrada pelotense do século XIX

*Aristeu Elisandro Machado Lopes**

Resumo: A cidade de Pelotas/RS, no século XIX, obteve um desenvolvimento econômico significativo proporcionado pelas atividades da indústria do charque. O jornalismo também pode ser considerado como um dos elementos que se incrementou a partir desse crescimento. O presente artigo visa a abordar questões relacionadas ao desenvolvimento urbano e ao tratamento dispensado pela administração pública à cidade através das críticas e sátiras presentes em três periódicos ilustrados e humorísticos que circularam nos anos 1880: *Cabrion*, *Zé Povinho* e *A Ventarola*. Analisando algumas das imagens que trataram dessa temática, evidenciou-se que ela foi abordada com a ótica do humor, revelando ao leitor uma outra cidade envolvida pelos problemas da urbanização.

Palavras-chave: imprensa ilustrada, urbanização, Pelotas.

Abstract: In the XIXth Century, the city of Pelotas/RS reached a very important economic development due to many activities related to “charque”: (salted and dried meat) Journalism can also be considered as one of the elements which developed due to this same fact. This article tries to approach matters related to urban growth and to the treatment given by public administration to the city, through criticism and satires presented in three illustrated humoristic periodicals in the 1880’s: *Cabrion*, *Zé Povinho* and *A Ventarola*. By analysing some of the images dealing with this theme, it was evidenced that the perspective was humor, and that it revealed to the reader another city involved in problems of urbanization.

Key words: illustrated press, urbanization, Pelotas.

* Mestre em História pela UFRGS. Doutorando em História pela UFRGS. Bolsista do CNPq.
E-mail: aristoriaufrgs@yahoo.com.br

Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma bela e próspera cidade. As ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma população opulenta. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei aristocracia rio-grandense. [...] Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado da campanha, vem gozar as onças e os patacões que ajuntou em tal mister. (CONDE D'EU, 1936, p. 212).

Essa passagem extraída da obra escrita por Conde D'Eu narrando suas impressões de viagem quando esteve na Província do Rio Grande do Sul, no ano de 1865, demonstra uma visão sobre a cidade de Pelotas, que parece perpetuada no tempo. Revelam-na organizada urbanisticamente, com uma concentração populacional abastada, que pode desfrutar de uma vida cultural intensa. Ao lado disso, o epíteto dado a ela também expõe sua característica de urbe desenvolvida. Os jornais, principalmente os da década de 80 (1800), se referiam à cidade como a “Princesa do Sul”. O codinome data de 1863 derivado “de uns versos de Antonio Soares da Silva, publicados numa revista de São Paulo”. (MAGALHÃES, 1993, p. 106). Atualmente, a expressão pode ser vista na divisa colocada abaixo do brasão da Bandeira oficial do município.

Este artigo pretende investigar algumas questões relacionadas à modernização e ao desenvolvimento da cidade, sob um aspecto particular. A proposta é verificar os contratemplos, as dificuldades e os problemas enfrentados pela população diante dos elementos necessários à “cidade moderna”, entre outros: água, esgoto, iluminação, limpeza e conservação dos logradouros e o tratamento dispensado a esses elementos pela administração pública da cidade. A análise se desenvolverá através do humor presente nos hebdomadários ilustrados e humorísticos que circularam nos anos 1880, na cidade: *Cabrion* (1879-1881), *Zé Povinho* (1883), e *A Ventarola* (1887-1889). Esses periódicos destinaram uma parte significativa de suas ilustrações para satirizar os percalços enfrentados pela população com tais “modernidades”, além de reclamar por melhorias urbanas e criticar as condições precárias dos serviços.

A Praça Pedro II: ruas – doenças

A principal praça da cidade foi projetada nos anos 1830 e denominada Praça da Regeneração. Passou, a partir do segundo Império, a ter o nome de Dom Pedro II, retornando, mais tarde, ao nome anterior. Quando da Proclamação da República, tornou-se Praça da República e, a partir dos anos 1930, Praça Coronel Pedro Osório, denominação que mantém até hoje. No entanto, esse espaço somente foi arborizado e ajardinado em 1873, com a colocação, no centro, de um chafariz – Fonte das Nereidas – importado da França. (MAGALHÃES, 1993, p. 100). Foram trazidos, ainda, mais três chafarizes que foram instalados em outros espaços públicos, além de uma caixa-d'água, alojada na Praça Piratinino de Almeida, em frente à Santa Casa de Misericórdia. Essas fontes não tinham somente função decorativa para a cidade, elas serviam para o fornecimento de água à população. (ANJOS, 2000, p. 48). Até esse período, conforme Magalhães (1993, p. 100), a praça “permaneceu intransitável em todo o seu percurso, cercado por um alambrado, tendo ao centro uma lagoa de águas paradas”.

O chafariz, que ainda ocupa o centro da praça, foi ilustrado pelos três periódicos. Em 1880, o *Cabron* apresentou duas imagens; numa delas, tratou do enorme afluxo de pessoas ao lugar, uma verdadeira “romaria” (figura 1). A outra assegurava que o chafariz se tornava pouco concorrido em noites de apresentação de companhias teatrais (figura 2).



Figura 1: Chafariz da Praça Pedro II (concorrida)

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n. 67, p. 3, 16 maio 1880.

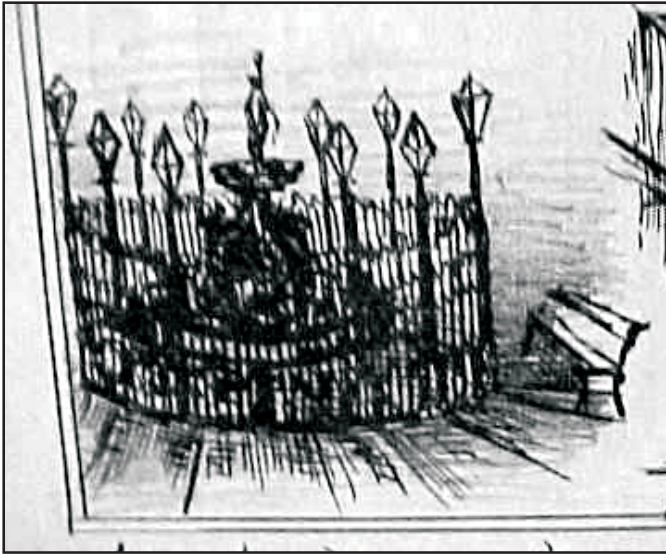


Figura 2: Chafariz da Praça Pedro II (pouco concorrida)

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n. 69, p. 3, 30 maio 1880.

Na imagem se observa que os transeuntes são todos brancos; os homens, por exemplo, usam cartola. A praça era um espaço destinado à diversão da população “nobre” da cidade, sendo que a circulação de pobres e escravos nesses espaços era restrita. Ao abordar o carnaval de 1883, o periódico *Zé Povinho* ilustrou a brincadeira do *Entrudo* praticada na praça. Novamente aparecem, na imagem, homens com trajes e chapéus elegantes, além de algumas mulheres com vestidos e chapéus que identificam sua condição social, embora haja apenas um homem que, provavelmente, seja negro (figura 3, primeiro quadro).



Figura 3: O carnaval e o passeio público
Fonte: Zé Povinho, Pelotas, n. 3, p. 4, 21 jan. 1883.

A análise dessa ilustração demonstra que as divisões sociais e a ocupação dos espaços urbanos eram bem demarcadas na sociedade pelotense. Primeiramente, nota-se a presença de mulheres na festa, as quais pertenciam, certamente, à elite da sociedade. Já em outros carnavais, como no do Rio de Janeiro, a mulher “de família” acompanhava os desfiles nas janelas; somente as prostitutas desfilavam nos carros alegóricos, já que tinham no carnaval uma oportunidade de encontrar um protetor que lhes garantisse o pagamento das despesas. (PEREIRA, 2002, p. 322-323).

Um segundo ponto (e associado ao anterior) diz respeito à participação dos segmentos sociais e à ocupação do espaço urbano durante o *Entrudo*. Em Pelotas, a festa era essencialmente promovida por famílias norteadas por normas europeias e com um mesmo nível econômico, assim continuavam existindo divisões sociais e étnicas durante a brincadeira. Ao lado disso, o “redondo” da praça, como era conhecido

na época o espaço central com o chafariz, era destinado somente a esses segmentos. Posição semelhante é apontada por Barreto (2003).

A participação dos negros ocorria de maneira escondida, periférica, permitida e/ou vigiada, o que se efetivava pela simples separação das folias (restando aos negros a periferia, os arrabaldes ou os setores do centro não ocupados pelos brancos). (p. 106).

Já nos anos posteriores, o carnaval pelotense seria marcado pelo *glamour* dos clubes carnavalescos, como o Clube Brilhante e o Clube Diamantinos, de brancos, Clube Chove Não Molha, Clube Fica Aí e Clube Depois da Chuva, todos de negros.

Por outro lado, em centros urbanos maiores, a barreira entre os segmentos sociais não era tão resistente. Cunha (2002), ao relatar o Entrudo realizado na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, afirma que os escravos se enfarinhavam numa clara encenação de sátira social, enquanto “das janelas e sacadas, ou no leito das ruas, mulheres e homens de variada extração social divertiam-se empenhadamente em atirar limões-de-cheiro”. (p. 374).

Reveladora dos conflitos existentes na praça entre os segmentos sociais é uma pequena crônica publicada no *Cabrión*, em 19 de dezembro de 1880. Nela destacavam que “com todo este calor” característico da “estação febrina”, a praça havia sido, no último domingo, “muito concorrida”, a ponto de “alguns cidadãos” que ali se achavam, não encontrando bancos disponíveis para se sentar, “mandaram levantar algumas pessoas, porém de cor preta”. O periódico julgou o procedimento inqualificável, afirmando que “se fosse preto dar-lhes-ia um assento talvez mais agradável”.

Em 1887, *A Ventarola* ocupou suas páginas com representações da praça, para criticar o atraso no calçamento que estava sendo feito no entorno do chafariz. Na imagem, ela foi apresentada com desordem e com algumas pessoas tentando trafegar entre tijolos e montes de areia. (A VENTAROLA, 27/11/1887). No ano seguinte, a praça, já calçada, foi representada no dia da sua reinauguração com banda de música e grande número de participantes. (A VENTAROLA, 15/01/1888). A princípio, recebida com júbilo, a reforma da praça seria em seguida criticada pelo periódico: “[...] disseram-me que as reformas porque ia passar o redondo da praça Pedro II, era obra sólida e de durabilidade, eu como ‘crédulo’ nestas cousas [sic] acreditei. [...] Oito dias decorridos sabem o que acontece?” Conforme o periódico, os representantes da edilidade não fiscalizaram a obra e após receber a

“encomenda” com “foguatório, música, etc.” não abriram o “embrulho para ver se estava conforme o pedido”. O resultado foi uma obra “gastada”. O periódico estava criticando o emprego de materiais de qualidade inferior o que provocaria em breve novos reparos. No final, endereçaram para a edilidade um recado: “[...] meus amigos... menos barulho, e mais obras, é o que nos queremos”. (A VENTAROLA, 22/01/1888). O número posterior ressaltava que a “Ilustradíssima Câmara”² não aceitou “engolir a pílula” evidenciando que, de fato, a crítica se referia à qualidade do material usado na obra, sendo os responsáveis multados e novos serviços contratados para o mês de abril. (A VENTAROLA, 29/01/1888).

A situação da limpeza urbana foi uma preocupação que perpassou por todos os periódicos, sendo também abordada pela imprensa diária. O estado das ruas apareceu na primeira página do *Cabron*, em 1879, na qual chamavam a atenção da Câmara para as sujeiras acumuladas que exalavam mau cheiro: “Escute, veja isto e tome o olfato.” (CABRION, 06/04/1879). *Zé Povinho* ilustrou o “aspecto imaginário das ruas da cidade desde que o contratador da limpeza urbana cesse com o serviço” (figura 3, segundo quadro). No entanto, o “aspecto imaginário” parece ter-se tornado uma realidade, conforme outra ilustração do jornal que apresentava as “crateras desse Vesúvio” ao referir-se à sujeira acumulada nas ruas da cidade (figura 4).



Figura 4: As crateras do Vesúvio

Fonte: *Zé Povinho*, Pelotas, n. 14, p. 5, 8 abr. 1883.

O periódico associava a falta de higiene e cuidado com as ruas a um fator propulsor de doenças. Na continuação dessa imagem apresentavam dois homens acamados e associados a doenças: tifo e escarlatina. No quadro seguinte, pessoas, tapando o nariz ao passar pelas ruas, sofrem de “asfixia por exalações” “salve-se quem puder”. No último quadro, o responsável pelo “aseio pelotense”, numa carroça, passeia indiferente por cima das imundícies.

O tratamento dispensado às ruas foi abordado em *A Ventarola* que, por sua vez, não poupou as sátiras à administração da cidade, notadamente aos fiscais da Câmara. Num artigo publicado em 5 de fevereiro de 1888, salientavam que era inadmissível que os “senhores fiscais da Câmara” deixassem “um bichinho daqueles (cão) nas sarjetas até que fique em estado de putrefação! Santa relaxação! Srs. fiscais!” Na seqüência, eram criticados por andar em bucefalos [sic] “pelas ruas da cidade no *Dulce* [sic] *far niente*”. Esse problema não ocorria em ruas distantes, mas, conforme assegurava o periódico, se tratava “das principais ruas da cidade”, as quais, devido ao descaso das autoridades, estavam imundas. A questão dos cães que perambulavam pelas ruas já havia sido abordada no periódico, no ano anterior, chamando a atenção ao problema, caricaturaram os fiscais, os quais “a tiro, a laço, a bola, a chusso [sic], não escapa um da raça canina” (figura 5). O problema dos animais mortos parece não ter sido totalmente resolvido, uma vez que retornou às páginas do jornal cerca de um mês depois da primeira denúncia; agora a situação era tratada com mais ironia:

[...] ora, sabe a Câmara (ou os fiscais) que na rua tal existe o cadáver de um “ente” que em vida se chamou “cachorro” e que se deixa ficar até ao estado mais repugnante que se pode imaginar, e não ter [...] um homem de bom coração [...] [que] recambie-o para a vala comum. (A VENTAROLA, 11/3/1888).



Figura 5: A tiro, a laço, a bola, a chusso [sic], não escapa um da raça canina
 Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 14, p. 1, 10 jul. 1887.

No entanto, os animais mortos não eram o único problema. Ainda nesse mês um outro artigo, no mesmo tom daquele, destacava que “a ilustradíssima continua a consentir que façam asneiras os aboletados dos arrematantes da limpeza”. A poeira era a causa da crítica: “[...] nos dias em que esta ventania bota tudo pelos ares, eles [andam] muito a seu gosto varrendo as ruas”. Conforme o jornal seria necessário usar de “aparelhos precisos para umedecê-las antes de varrê-las”, uma vez que do jeito que era realizado “sofre o público, o comércio e os próprios varredores”. Outra sugestão dada pelo periódico parece, ao seu ponto de vista, mais plausível; a proposta também revela a característica de “cidade moderna” imputada pelos moradores, na qual o colaborador do periódico se enquadra impecavelmente: “Porque não mostra a ilustradíssima que Pelotas se acha no elevado grau de civilização, e manda, ordena, impõe para que a limpeza das ruas seja feita da meia-noite para o dia como no grande Rio de Janeiro?” Dinheiro não faltaria visto que a cada dia a

dinheiro arrecadado não ia para os fiscais, visto que eles “andam cada vez mais magros”. (A VENTAROLA, 26/02/1888). No entanto, no número seguinte, os responsáveis pela limpeza das ruas eram acusados de também limpar “os cofres públicos”. Não se preocupando com a “limpeza das sarjetas e charcos de que esta pobre e bondosa cidade está eivada. Não se tirarão desses focos de miasmas as imundícies que as produzem?” (A VENTAROLA, 04/03/1888).

O problema da limpeza urbana retornaria novamente no ano posterior; agora, os fiscais eram chamados “*clows* da municipalidade”. Conforme o jornal, a “provada atividade” deles era muito proveitosa para “o sossego dos míseros animais que dormem o sono dos justos por essas sarjetas e por esses monturos que enchem as ruas da cidade!” O aspecto da cidade era descrito pelo jornal com um tom de crítica à administração e um tanto envergonhado em relação aos visitantes que chegavam à cidade pela estrada de ferro: “[os fiscais] não sabem evitar-lhes o espetáculo de uma cidade imunda, com ruas fedidas [sic] e elementos deletérios, capazes de corromper a atmosfera mais saudável e de produzir maiores devastações entre os viventes do que a peste ou a guerra”. (A VENTAROLA, 03/11/1889).

A falta de limpeza nas ruas, conjugada com o calor, também era apontada pelo *A Ventarola* como responsável pela proliferação de doenças:

Ah! Não se pode com semelhante temperatura. Não sabemos quando temos chuva nem quando temos calor, o que ocasiona grandes epidemias. Isto de moléstias não nos admira, visto que a ilustradíssima não nomeia delegados para remover esses montes de imundícies que existem por esta cidade. (A VENTAROLA, 11/03/1888).

O *Cabrion*, em 1880, tratava, numa série de desenhos, de uma epidemia que grassava a partir da cidade vizinha de Canguçu, a qual não demoraria a chegar a Pelotas. O jornal não revelou qual era a doença; apenas afirmava que ela tinha “feito seus prodígios com as pobres vítimas”, e que o único remédio dado pelos médicos era a cachaça. Alguns doentes “tomam de tão boa vontade” que acabam caindo pelas ruas da cidade. No último quadro da série, o jornal afiançava que não se podia combater “tão rebelde moléstia”. (CABRION, 02/05/1880). Não foram encontradas, na imprensa diária da cidade, notícias sobre uma possível epidemia vinda de Canguçu. Portanto, a série publicada no jornal pode ser entendida de outra forma, ou seja, quiçá não se tratasse de um surto,

mas apenas de uma crítica ao consumo de álcool. A ambigüidade é assinalada pela última legenda [“rebelde moléstia”] que permite associar os predicados a uma provável epidemia [doença] ou ao alcoolismo.

No ano seguinte, outra epidemia era anunciada pelo periódico, desta vez identificada: febre tifóide. Conforme o periódico, a peste “tem tomado proporções agigantadas, roubando-nos a flor da mocidade”. (CABRION, 13/03/1881). À primeira página apresentavam uma “tormenta” sob a cidade com nuvens carregadas de “tiphóide” [sic] acompanhada por um esqueleto. A legenda da imagem era uma prevenção ao leitor: “Que tormenta nos ameaça!... cuidado com as umidades leitores e vejam a presente figura pouco simpática” (figura 6).



Figura 6: Tiphóide

Fonte: *Cabrimon*, Pelotas, n. 112, p. 1, 13 mar. 1881.

A Ventarola abordou duas epidemias diferentes: varíola em 1887 e febre amarela em 1889. A primeira viria da zona da fronteira enquanto a outra já estava “a braços com Porto Alegre e Rio Grande”. O periódico, recorrendo aos desenhos, se interrogava sobre o que aconteceria à “formosa Princesa do Sul” quando o surto chegasse. Para prevenir a doença, aconselhavam as “senhoras mães de família” que mantivessem suas casas bem desinfetadas e ao “belo sexo” que substituíssem o perfume dos lenços

por ácido fênico. (A VENTAROLA, 03/03/1889). Um outro artigo publicado pelo periódico em 1888 mostrava a preocupação de seus colaboradores com a grande mortalidade infantil. Afiançando que apesar d'A *Ventarola* ter nascido “para o riso e para a galhofa”, também poderia “deitar moralidade, sentimentalismo e caridade”. Fingindo que não estavam em pleno período de carnaval, tomavam “a liberdade de pedir à ilustradíssima municipalidade – providências, no sentido de remover as causas da grande mortandade de crianças”. (A VENTAROLA, 12/02/1888).

A crítica à limpeza das ruas foi comum em todos os periódicos, demonstrando que a questão ficou malresolvida durante os anos 1880. A Câmara havia estabelecido algumas normas que regularizavam a limpeza das ruas; no entanto, as críticas dos periódicos revelaram que tanto os serviços públicos como a averiguação de seu cumprimento pela Câmara eram ineficazes. Em 1878, foram aprovados artigos adicionais ao código de posturas, não permitindo o despejo de materiais fecais e águas servidas nas ruas, praças, pátios ou quintais. Em 1880, foram estabelecidas outras medidas que obrigavam os proprietários urbanos a conservar suas ruas limpas, varrendo-as duas vezes por semana e removendo a vegetação que crescia nas calhas e telhados. Já o lixo arrecadado deveria ser levado para fora do perímetro urbano.³

Provavelmente a cidade que Conde D'Eu conheceu durante os nove dias de sua estada no ano de 1865, não era muito diferente daquela satirizada pelos periódicos anos depois. As principais ruas da cidade ainda eram as mesmas, pois seu traçado datava dos anos 1830. Uma delas era a Rua São Miguel (atual Quinze de Novembro) que, devido ao seu intenso comércio de objetos de prata, foi comparada pelo príncipe a “*Strada degli Orefici*, de Genova”. (CONDE D'EU, 1936, p. 213). Por outro lado, a população do município alcançava, no início da última década do século XIX a cifra de 41.591 habitantes, o que representava mais do dobro do número de residentes da década de 60 (1800) (PEREIRA et al., 1994, p. 27), fator que provavelmente contribuiu para o aumento da necessidade de uma limpeza mais ordenada e que evitasse que a cidade se tornasse um “Vesúvio de imundícies”. Como destacado pel'A *Ventarola*, em março de 1888, a proliferação de doenças ocorria nos meses mais quentes do ano. As notícias, notas e desenhos que trataram dessa temática, nos três periódicos, foram veiculadas, em sua grande maioria, entre os meses de novembro e abril. A mesma posição foi averiguada no *Jornal do Comércio* que, no início daquela década,

destacava que “neste tempo, em que o sol é ardente e produz sobre as imundícies sua ação, os vapores deletérios sobem e empestam a atmosfera”. (JORNAL DO COMÉRCIO, 12/01/1881).

O progresso e os serviços urbanos

Em 1871, visitou a cidade o viajante britânico Michel George Mulhall. Em suas anotações, ele registrou o progresso da cidade, citou o projeto da estrada de ferro até Bagé, das obras de instalação do gás, de um projeto para a colocação de bondes e da construção do novo prédio da Santa Casa. (Apud MAGALHÃES, 1993, p. 90). A estrada de ferro narrada por ele somente se tornaria realidade no começo da década seguinte. O *Cabron*, que já circulava quando a construção iniciou, apresentou uma ilustração, na qual a representação de uma mulher, identificada como “Pelotas”, puxava um trem, que simbolizava o “progresso” (figura 7).



Figura 7: Pelotas vai na senda do progresso

Fonte: *Cabron*, Pelotas, n. 67, p. 3, 16 maio 1880.

As obras iniciaram somente em 1881, e a inauguração ocorreu três anos depois. (ANJOS, 2000, p. 44). Os jornais de Pelotas e Rio Grande protagonizaram debates acalorados, o que acirrou as disputas entre as duas cidades. A altercação se deu devido ao ponto do qual o trem deveria partir: se de Pelotas ou de Rio Grande, daí justificando o porquê de a imagem apresentar uma mulher puxando o trem pela parte traseira. Na sua inauguração, a querela foi resolvida com a primeira estação localizada em Rio Grande, a segunda em Pelotas e a última em Bagé. (MAGALHÃES, 1994, p. 44).

O *Zé Povinho* também acompanhou a construção da estrada. O periódico adiantava que, com a construção das “redes de caminhos de ferro”, a Província se tornaria uma das principais do Império. Na seqüência, apontavam o desenvolvimento que as estradas de ferro proporcionariam: “[...] a lavoura se desenvolverá de uma forma assombrosa, o comércio ficará isento de tantos impostos [...], a segurança pública será garantida”. O último ponto destacado pelo jornal revela outra faceta da cidade que se tornava moderna e com uma concentração populacional urbana em franco desenvolvimento. O aumento da segurança que seria proporcionado pela estrada de ferro, quiçá devido à necessidade de proteção aos trens e às cargas, também colaboraria para reverter o quadro composto por “vagabundos percorrendo as ruas da cidade, praticando os mais escandalosos abusos”. (ZÉ POVINHO, 18/03/1883). O crescimento da criminalidade pode ser considerado como um dos fatores resultantes da modernização. Mauch (2004, p. 70) aponta para o caso de Porto Alegre na década de 90 (1800) que, com os crescimentos comercial e populacional, aumentaram também os problemas urbanos, obrigando o Poder Público a regulamentar o convívio social. No caso pelotense, a esperança do *Zé Povinho* não se confirmou. No fim daquela década, *A Ventarola* noticiava que “ao que se diz, a polícia da nossa terra trancafiou no palacete do Sr. Braga 25 cidadãos a título de vagabundos, isto no sábado”, entre eles estavam “alguns moços que não estão acostumados às delícias da casa do pouco pão”. (A VENTAROLA, 11/09/1887). Ainda sobre os vagabundos, o periódico veiculou outra notícia tratando de um edital da polícia que decretava uma espécie de toque de recolher, após o “badalar do sino da matriz às 10 horas da noite”. Provavelmente, era uma tentativa de acabar com a “vagabundagem”. Contudo, alguns “*inadvertidamente* têm passado algumas horas em companhia de Baco, pelo que não [dão] fé do sinal policial”. (A VENTAROLA, 18/11/1888, grifo do jornal).

O serviço de esgotos foi iniciado relativamente tarde se comparado, por exemplo, com o fornecimento de água. A Câmara Municipal somente contrataria em 1887 “o projeto de saneamento coordenado pelo francês Gregório Howyan, engenheiro civil pela Escola de Pontes e Calçadas de Paris. Tal projeto utilizava o sistema Waring, que emprega a água como veículo condutor dos materiais fecais e detritos”. (ANJOS, 2000, p. 48).

A *Ventarola* parece que compartilha da opinião do atraso desse serviço, ao afirmar num artigo: “Temos os esgotos na berlinda!” No texto o colaborador empregou a palavra esgotos com sentido distorcido para criticar a Câmara e satirizar o serviço que seria cobrado dos cidadãos o que gerou “gritos de guerra que, de todos os lados, irrompem, ao saber-se que a Câmara trata de esgotar-nos os fundos das casas”. No entanto, a cobrança não seria possível, pois “nós andamos todos tão esgotados, que difícil será achar ainda alguma coisa que esgotar”. Por outro lado, a questão dos esgotos era considerada uma melhoria nas condições de higiene da cidade visto que já era tempo de “acabar com as carroças de asseio”. Nelas eram conduzidas as cubas com os detritos fecais recolhidas nas casas. Em Porto Alegre esses recipientes receberam o epíteto de “tigres”, devido ao “verdadeiro pavor com que os transeuntes se afastavam quando os viam aproximar-se!” (PESAVENTO, 1996, p. 10). O mesmo pavor era descrito pelo periódico que aplicava um outro apelido a elas, “pimpolhos”, porque, quando se aproximavam, obrigavam as pessoas a atalhar devido às “essências que ele despende. Venham, pois, os esgotos!” (A VENTAROLA, 17/04/1887).

As obras do saneamento da cidade somente seriam iniciadas em 1889, com a aprovação, pela Assembléia Provincial, de projeto de lei que estabelecia o início das obras na cidade, em Rio Grande e em Porto Alegre e sancionada pelo presidente da Província Galdino Pimentel. (A VENTAROLA, 28/04/1889). A aprovação da lei gerou um acalorado debate na imprensa diária, uns favoráveis e outros contrários. O periódico ilustrado iniciava um artigo sobre a questão associando os esgotos à propagação de doenças: “[...] os esgotos estão condenados na província e em todo o império, porque constituem um perigoso foco de miasmas pestilentas, um verdadeiro viveiro de micróbios da febre amarela e do cólera morbus”. Essa não era, contudo, a opinião do periódico e sim aquela do *Zé Povinho* de Porto Alegre que atribuía aos esgotos a epidemia de febre amarela na Corte e em Santos. Discordando desse ponto de vista, o periódico considerava que, pelo contrário, os esgotos preveniam

a proliferação de doenças: “Todos os higienistas aconselham os esgotos como o único meio capaz de influir na salubridade dos centros populosos. Em todos os países civilizados há empresas de esgotos, exigidas pelo asseio e pela higiene pública.” No final do texto, periódico condenava a política, chamando-a “mesalina [sic], vil e corrupta” como a responsável por divulgar verdades infundadas à população, a qual “muitas vezes me tira toda a paciência”. (A VENTAROLA, 14/04/1889). A alusão feita à política provavelmente estava relacionada à oposição dos liberais aos conservadores que estavam no poder com o Ministro João Alfredo, o que também lhes dava o domínio da Província. Num outro artigo, no qual abordavam a posição dos jornais diários, afirmavam que *A Reforma* – órgão do Partido Liberal de Porto Alegre – estava em “desabrida oposição” aos atos do Sr. Galdino Pimentel. O mesmo era apontado pelo *Diário de Pelotas*, jornal dos liberais da cidade, enquanto o *Correio Mercantil* – que não tinha cores partidárias explícitas – manteve-se neutro na questão. Ao contrário deles, *A Ventarola* foi a única folha que “não acompanhou a onda”, mostrando-se favorável aos esgotos. (A VENTAROLA, 28/04/1889).

Retomando a questão, o periódico tentava convencer o leitor que

se os esgotos são um veículo propagador de pestes, [...] também é justo pensar-se que: se as matérias em decomposição produzem pestes, sendo lançadas a todo o momento por encanamentos ao São Gonçalo, não perdem as suas propriedades deletérias, sendo conservada [...] nos nossos quintais, ou por três dias de *fermentação* nos cubos fornecidos pela empresa atual.

Outra razão favorável à criação dos esgotos, apontada pelo periódico, seria o fim do “espetáculo repugnante” estrelado pelas cubas, as quais, muitas vezes, eram removidas “altas horas do dia em ocasiões quase sempre inoportunas!” Ao lado disso, os esgotos eram considerados um símbolo de civilização. Tentando infundir no leitor essa posição, traçavam algumas comparações estatísticas entre Pelotas e a Corte, afirmando que “em Pelotas, que não possui esgotos, há mais óbitos do que na corte!” Afiançavam que esses dados eram de “domínio público”, e que essa situação era verificada “em épocas que não grassem epidemias em ambas as localidades”. (A VENTAROLA, 21/04/1889).

Não cabe averiguar se as afirmações do periódico eram “reais” ou se se tratava de uma tentativa de persuadir o leitor de que os esgotos eram o melhor para a cidade, apresentando estatísticas assustadoras. Interessa

é a posição defendida por eles, uma vez que, ao contrário do verificado em 1887, quando as discussões ainda eram incipientes, agora o periódico conjugava o teor da sátira com sua posição favorável à proposta de saneamento, combatendo os atuais serviços fornecidos pela empresa encarregada do asseio público. Assim sendo, a posição do jornal na questão dos esgotos pode ser entendida como uma visão de mundo dos responsáveis pelos artigos, os quais tentavam infligir aos leitores, a partir das suas atitudes e interesses, a sociedade tal como gostariam que ela fosse, ou seja, uma cidade livre de sarjetas repletas de imundícies e do “espetáculo” proporcionado pelas cubas.

O serviço de iluminação pública era realizado com gás hidrogênio desde 1871. Antes as ruas eram iluminadas por lampiões com azeite, instalados em 1847.⁴ Em 1879, num dos primeiros números do *Cabrion*, apareceu um grande quadrado negro que ocupava toda a primeira página, com exceção do frontispício, que revelava a precariedade do serviço de iluminação da cidade; a sátira resumia-se apenas a duas palavras colocadas na legenda: “Iluminação Pública!!!” O mesmo tom e igual recurso foram utilizados num outro número publicado no ano seguinte. Nesse asseguravam que a iluminação pública, em alguns dias “vira a cara para outro lado e mostra-nos não sei o que” (figura 8). Ambas as representações da iluminação pública não podem ser consideradas uma caricatura conforme os traços que a identificam. No entanto, a colocação de um retângulo negro

como sinônimo de luz revela um tom satírico, que provavelmente era entendido pelo leitor que, ao ver a imagem e ler a legenda, apreendia a mensagem que o caricaturista estava lhe passando.

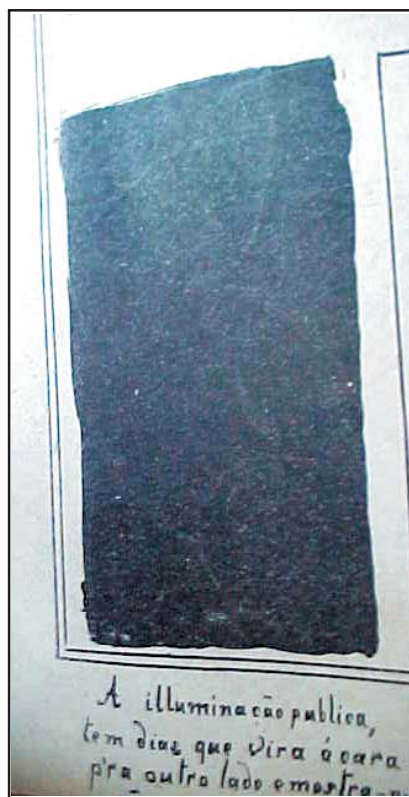


Figura 8: A iluminação pública vira a cara
Fonte: *Cabrion*, Pelotas, n. 57, p. 8, 7 mar. 1880.

Já num artigo que tratava das condições da iluminação da praça, num domingo em que ela foi “muito concorrida”, a crítica era endereçada aos “senhores edis”: “[...] lembramos mandarem colocar mais alguns lampiões, do contrário teremos que ir à praça munidos de velas de sebo [...]. E isto de ir à praça com sebo derramar *azeite* é amolação não pequena”. (CABRION, 1º/05/1881, grifo do jornal). A sátira do periódico revela uma outra faceta da Pelotas do século XIX: o “derramar azeite”. Essa era uma “gíria” do tempo para a palavra flertar empregada pelos rapazes e moças que iam para lugares públicos ou para os bailes das sociedades com a pretensão de arrumar namoro. Essa expressão era constantemente empregada pelos jornais para criticar certas atitudes de determinadas pessoas, usada, em especial, por alguns semanários que, além de literários, podiam ser considerados “de fofocas”, como, entre outros, *O Beijo* e *O Investível*.⁵ Os ilustrados não se enquadram nesses moldes, embora também apresentassem, de forma não corriqueira, seções “recadinhos” com conteúdo semelhante ao daqueles, como esse publicado no *Cabron*, em 1880:

Recadinhos:

Sr. Secco – Ora, o Sr. não se enxerga? Pois eu serei tão tolo em transmitir às meninas do sobrado a sua pertinaz teima? Quer um conselho? Vire-se para o outro lado, talvez caia em graça.

Dona Ajudante – Direi ao *cujo* que V. Ex. quando passa – ri-se por não poder chorar.

D. Pepita – Não posso encontrar o moço loiro, para manifestar-lhe os seus afetos.

Sr. Tavares – Uma menina de minha amizade, pede-me para lhe dizer, que no teatro, dirija o seu binóculo para outros *campos*, para não perder o seu tempo.

D. Julietinha – Quando deixará de ser ingrata? (CABRION, 29/08/1880, grifos do jornal).

A Ventarola, por seu turno, não deixou que a iluminação pública passasse despercebida. Assim como o *Cabron*, um dos primeiros números do periódico abordou o serviço, criticando também a companhia distribuidora de água (figura 9). Na imagem, o periódico afirmava que a água somente pode ser vista por um “óculo [sic] de muito alcance” enquanto os lampiões a gás “são como os tísicos, quanto mais pensam estar longe da morte, menos vida têm.”



Figura 9: Os melhoramentos de Pelotas
 Fonte: *A Ventarola*, Pelotas, n. 9, p. 3, 5, jun. 1887.

Além dos chafarizes e da caixa-d'água, a cidade contava com a Companhia Hidráulica Pelotense, fundada em 1873, a qual alcançou, no fim dos anos 80 (1800) a marca de 2.424 prédios abastecidos. (ANJOS, 2000, p. 48). No mesmo número em que foi publicado o desenho que abordava os “tísicos lampiões”, era noticiado um “magnífico melhoramento” com o qual, em breve, a companhia do gás brindaria a população; tratava-se da substituição da “atual iluminação pelos raios da lua encanados”.

Num tom ainda mais satírico, noticiavam que “em pleno século das luzes”, às 9 horas da noite de uma quarta feira “ninguém sabia mais de que cor e sexo era, apenas de que no escuro é, às vezes, que se percebe a diferença do último”. A sugestão do periódico foi a mesma indicada pelo *Cabrion*: o retorno às velas de sebo. (A VENTAROLA, 12/06/1887). A notícia ainda seria retomada nas páginas destinadas às ilustrações. Com o título “quadros da atualidade na quarta-feira à noite” numa “história em quadrinhos” tratou da situação do Sr. Carlos, que confiando no gás que pagava para iluminá-lo, iniciou uma escrituração, e sendo surpreendido pela falta de luz, interroga: “Há algum terremoto ou temos em casa o espiritismo?” Então ele resolveu sair à rua e verificou que ela também estava às escuras. Na seqüência, ilustrou uma taverna à luz de velas, na qual o proprietário furioso rogava pragas aos gasistas e

afirmava: “Então a gente não paga o gás?” O jornal no último quadro fazia um pedido: “Ah! Meu Deus. Venha de uma vez a tal luz elétrica.” O pedido do periódico somente se concretizaria na primeira década do século XX, o que possibilitou também a modernização do transporte público, sendo os antigos carros de tração animal substituídos por bondes elétricos. (ANJOS, 2000, p. 50).

Um outro artigo, publicado ainda naquele ano, revela que os problemas da falta de luz fornecida pelo gás eram constantes:

Estavam as coisas muito bem colocadas em seus eixos, logo após o anoitecer.

Uns vendiam toucinho, outros despachavam quitutes, outros ainda, aviavam o belo sexo que se munia de anquinhas, meias de cor, ligas, etc.; e outros finalmente, tratavam de reduzir a letra redonda o pensamento da humanidade.

Foi no sábado, 1º de outubro, [...] eram mais ou menos 7 ¼ da noite; a lua brilhava nas campinas siderais e os *poetas* pelotenses empenhavam a sua melodiosa... guitarra, afim de decantar pela milésima vez as suas queridas *elas*.

Tudo era festa, tudo era luz e contentamento... Se não quando, o anjo das trevas desce e repousa sobre o nosso gasômetro, reduzindo aquele foco de luz as proporções de um candeeiro daqueles que estavam em voga entre nós, em 1855, cuja luz era alimentada com o odoroso [sic] azeite de potro. (A VENTAROLA, 09/10/1887, grifo do jornal).

Da mesma forma que propalava os benefícios advindos com o saneamento, esse texto demonstra também uma visão de mundo acatada pelos colaboradores do jornal, uma vez que suas críticas ao “odoroso” azeite usado no passado era um sinal de atraso, contraposto ao progresso. Associado a essa posição, pode ser considerado o pedido do jornal que solicitava a chegada da luz elétrica, como um sinônimo de melhoria urbana. Além do tom humorístico, o artigo desvenda uma cidade “agitada”, que se quer moderna, motivada, justamente pela chegada da iluminação que prolongava o tempo noturno. Assim, aumentavam também as sociabilidades, possibilitando o comércio e os “azeites” dos *poetas* pelotenses. Anjos (2000, p. 49) relaciona a chegada da iluminação à multiplicação de espaços de sociabilidade nas duas últimas décadas do século XIX, como quiosques na Praça Pedro II, cafés, restaurantes e confeitarias. As sociedades bailantes também podem ser consideradas

espaços de sociabilidade, como uma das opções de lazer no século XIX. Geralmente elas eram formadas por grupos com alguma afinidade, como a Recreio dos Artistas, constituída por elementos da classe artística⁶ pelotense e que realizava um baile mensal. (LONER, 2002b, p. 45-46). Foi justamente num dos bailes dessa sociedade que “o tal gás [cometeu um] dos mais vergonhosos fiascos”. Conforme o jornal, “no melhor do baile, quando se precisa de luz, muita luz, na frase do imortal Goethe, [...] ficam todos encolhidos em trevas, em verdadeiras trevas!...” (A VENTAROLA, 15/01/1888).

Considerações finais

A análise da imprensa ilustrada pelotense permitiu verificar que as temáticas relacionadas ao tratamento da cidade e ao incentivo ao progresso não passaram despercebidas pelos responsáveis pela circulação dos hebdomadários. A principal função desses periódicos era proporcionar o riso ao leitor através de uma apresentação cômica da realidade. Desse modo, os jornalistas e caricaturistas dedicaram uma parte significativa de suas páginas de ilustrações para satirizar a administração pública da cidade, apresentando ao leitor uma cidade mal-administrada, circunstanciada por problemas. Essas imagens revelam, também, a preocupação dos caricaturistas com a organização da cidade “que se quer moderna”. A campanha em prol do sistema de esgotos desenvolvida em *A Ventarola*, em 1889, exemplifica essa premissa.

Assim, as produções artística e textual dos periódicos podem ser consideradas uma representação do seu tempo, entendidas como uma forma de transmissão da realidade na qual o artista está inserido, servindo de instrumento à sua criação e sendo comunicada aos leitores de acordo com suas percepções e visões de mundo, reapresentando-a como ela é ou como gostariam que fosse.⁷⁷

Outros autores também consideram as imagens como importantes fontes de interpretação do passado servindo não só para ilustrar aquilo que o texto narra, mas como produções artísticas reveladoras do seu próprio tempo. Veja-se, entre outros: Burke (2004); Vovelle (1997); Lemos (2001).

Notas

* A primeira versão deste texto integrou parte do capítulo 2 de minha dissertação de mestrado intitulada: *Traços da política: representações do mundo político na imprensa ilustrada e humorística pelotense do século XIX*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa foi realizada com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

² A palavra “Ilustradíssima” foi constantemente empregada pela imprensa ilustrada para se referir à Câmara Municipal da cidade, quase sempre, constituindo uma crítica.

³ Conforme o Livro de Atas da Câmara Municipal de Pelotas, 1874-1879, 12 de janeiro de 1878 e Livro de Atas da Câmara Municipal de Pelotas, 1879-

1883, 7 de agosto de 1880. (Apud GUTIERREZ, 1999, p. 240).

⁴ Conforme MORAES, Henrique Carlos de. *Pelotas e seus lampiões a azeite*, 1970 (datilografado) BPP/CDOV, s/p.

⁵ Informações obtidas a partir de LONER; LOPES (2003).

⁶ Entende-se por artistas, os trabalhadores (artesãos) especializados em determinados ofícios.

⁷ Outros autores também consideram as imagens como importantes fontes de interpretação do passado servindo não só para ilustrar aquilo que o texto narra, mas como produções artísticas reveladoras do seu próprio tempo. Veja-se, entre outros: Burke (2004); Vovelle (1997); Lemos (2001).

Fontes

Biblioteca Pública Pelotense – Pelotas/RS:

A Ventarola (1887) (1888) (1889)

Cabrion (1880) (1881)

Jornal do Comércio (1880)

Zé Povinho (1883)

Referências

- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2000.
- BARRETO, Álvaro. *Dias de folia: o carnaval pelotense de 1890 a 1937*. Pelotas: Educat, 2003.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.
- CONDE D'EU. *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Nacional, 1936.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: Ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp/Cecult, 2002. p. 371-417.
- GUTIERREZ, Ester. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. 1999, 550f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- LEMONS, Renato (Org.). *Uma história do Brasil através da caricatura: 1840-2001*. Rio de Janeiro: Bom Texto/Letras & Expressões, 2001.
- LONER, Beatriz Ana. Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX. *História em Revista*. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/UFPel, v. 8, p. 37-68. dez. 2002b.
- _____; LOPES, Aristeu Elisandro Machado. *Trabalhadores e literatura em Pelotas no século XIX*. Relatório de pesquisas (Pibic/CNPq-NDH/ICH/UFPel), Pelotas, 2003.
- MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. da UFPel/Livraria Mundial, 1993.
- _____. Sebeiros e Papareias. In _____. *Pelotas: século XIX*. Pelotas: Livraria Mundial, 1994. p. 43-104.
- MAUCH, Cláudia. *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: Edunisc/Anpuh-RS, 2004. (Coleção Anpuh-RS, n. 1).
- PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Unicamp/Cecult, 2002. p. 371-417.
- PEREIRA, Óthon Ferreira et al. A evolução urbana de Pelotas: um estudo metodológico. *História em Revista*, Pelotas: UFPel, n. 1, p. 21-34, set. 1994.
- _____; JATAHY, Sandra (Coord.). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.
- VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na história*. Trad. de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.